



## **Pensar a comunicação, imaginar novos mundos: reflexões a partir da intolerância religiosa à Umbanda no Brasil – entrevista com Maurício Ribeiro da Silva**

**Isabella Pichiguelli** – Universidade de Sorocaba | São Paulo | SP | Brasil. E-mail: [isa.reis.pichiguelli@hotmail.com](mailto:isa.reis.pichiguelli@hotmail.com)

O entrevistado dessa edição da REU é Maurício Ribeiro da Silva, doutor em comunicação e semiótica (PUC-SP), arquiteto e urbanista (Escola de Engenharia de São Carlos - USP), professor titular e coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP-SP). Atualmente, é membro do Grupo de Pesquisas em Mídia e Estudos do Imaginário e do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, além de realizar pós-doutorado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a supervisão do professor doutor Muniz Sodré, e de presidir a Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação - Compós.

Na manhã de 21 de agosto de 2020, conversei com o professor doutor Maurício Ribeiro da Silva por chamada de vídeo, em razão das limitações de distanciamento social impostas pela pandemia Covid-19, que assola o mundo já há mais de um ano. Durante aproximadamente duas horas, discutimos acerca dos diversos aspectos que envolvem um outro tipo de distanciamento social: o instaurado pelas intolerâncias, no plural mesmo, como se poderá conferir ao longo da entrevista.

Partimos, entretanto, de uma intolerância específica, de ordem religiosa, dirigida contra praticantes da Umbanda no Brasil, afinal, essa é uma das implicações da pesquisa atualmente em desenvolvimento pelo professor Maurício: *Entre Deus e o Diabo: a construção do imaginário midiático da Umbanda, uma religião brasileira*.

Não foi tarefa simples editar tudo que discutimos, a fim de que se ajustasse aos parâmetros de publicação. A opção foi por manter, ao máximo, a conversa tal como se sucedeu, e ainda que cortes tenham sido

e-issn: 2177-5788

Copyright @ 2021. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons –CC BY-NC-SA –Atribuição Não Comercial –Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



realizados, algumas sequências são longas, mas de extrema importância para compreender perspectivas tanto históricas quanto comunicacionais que perpassam os fenômenos em questão.

Ao final da entrevista, chegamos ao ponto em que a pesquisa do professor Maurício encontra elos com minha própria pesquisa, que pergunta pela comunicação poética em igrejas evangélicas no Brasil. Convido você a estabelecer as relações possíveis. Convido você a ler essas páginas que seguem. Convido você a imaginar.

**Isabella Pichiguelli:** Dizem que tendemos a ter medo de tudo que não conhecemos e que é por isso, inclusive, que o novo e/ou o diferente são assustadores. Dizem, também, que tendemos a agir com agressividade diante do que temos medo. De que forma essas concepções populares se relacionam com a intolerância religiosa contra praticantes da Umbanda? São pertinentes em algum aspecto?

**Maurício Ribeiro:** Eu acho que existe até um fundo de verdade nessa afirmação, vamos dizer assim, se você pensar pelo aspecto psicológico do sujeito, mas eu tendo a dizer que não, eu tendo a ir pelo caminho contrário. Por exemplo, quando você fala de umbanda, de candomblé, enfim, de religião de matriz africana, a gente vai perceber que há desconhecimento, sim, mas o que torna alguém intolerante a essa religião não é o desconhecimento que ela tem, mas o conhecimento que ela acha que tem. Esse é o ponto. O conhecimento que é dado é que influencia na relação. [...] É um conhecimento deturpado, mas é o conhecimento da religião que faz com que ela seja intolerável.

**Isabella Pichiguelli:** Acho que você até já entrou no campo da próxima questão, porque no outro lado da moeda, se há uma informação bem assimilada a respeito da Umbanda, é a de que se trata de uma religião afro-brasileira. Quais as implicações desse enunciado? De que forma essa afirmação opera no imaginário de nossa sociedade a respeito da Umbanda?



**Maurício Ribeiro:** Eu acho que uma perspectiva histórica é importante para entender. [...] Para responder, a gente vai até o chamado mito de formação, pela tradição oral, que recentemente se tornou uma matéria pesquisável. Então, qual é a narrativa? A narrativa é que com 17 anos, um sujeito que se preparava para fazer um curso para entrar na Marinha ficou doente, ninguém sabe exatamente que doença ele teve, e que num determinado dia disse: “amanhã estarei curado”. Ele ficou de cama por um tempo. Nenhum médico identificou a causa. E no dia seguinte, ele levanta como se não tivesse acontecido nada. Em seguida, ele tem alguns episódios de comportamento estranho, falando de forma curvada, como se fosse um velho, um preto velho, e ele é levado para médico de novo e ninguém detecta nada. Até que um amigo da família, espírita – e estou seguindo o que é contado pelos familiares, de quem ouviu da boca de Zélio<sup>1</sup> – orienta a levá-lo a uma sessão da federação espírita do Estado do Rio de Janeiro, que era na época em Niterói. Na sessão espírita, ele é colocado na mesa, kardecista, branca (isso a gente ouve da boca dele, tem uma gravação do Zélio falando isso) e ele se sente impelido por uma força, de repente, a levantar. Então, ele levanta e fala: “está faltando uma flor”. E levanta e sai. E quando ele sai, sob protestos de “não pode levantar”, ele pega uma flor. Então, o relato é que quando ele coloca a flor sobre a mesa, os médiuns sentados em torno da mesa começam a receber espíritos de pretos e caboclos, e o presidente da sessão, vendo aquilo, passa a dizer para aqueles espíritos que eles não eram bem-vindos ali, porque eles não eram espíritos evoluídos. E como tais, eles não poderiam se manifestar naquele lugar. O que é típico do espiritismo, sobretudo naquele tempo. [...] Em suma, diante daquele cenário, o Zélio diz que ele se sente compelido a levantar mais uma vez e fazer uma pergunta: “Por que eles estão sendo afastados se você nem mesmo ouviu o que eles têm a dizer? É por conta da condição social que eles tiveram em outras encarnações? Em que medida isso tem relação com o grau de evolução espiritual deles?”. E começa um debate. E nesse debate,

---

<sup>1</sup> Zélio Fernandino de Moraes (São Gonçalo, 10 de abril de 1891 — 3 de outubro de 1975).



ele falou: “se esses espíritos não são bem-vindos aqui, amanhã, na casa desse aparelho” – veja que aparelho é um termo espírita – “eu vou fundar um novo culto” – e não uma nova religião – “no qual qualquer espírito será bem-vindo para dar o seu recado. E se você quiser saber o meu nome, você pode me chamar de caboclo das sete encruzilhadas porque nenhum caminho será fechado para mim”. Essa é a narrativa da fundação da umbanda, que ocorreu no dia 15 de novembro de 1908. A umbanda passa completamente despercebida, exceto por algumas notícias de jornal que a gente identificou no Rio de Janeiro. E só vai ser noticiada para valer em 1924. [...] Nessa época, a igreja católica percebe, pela primeira vez, não a classe média ou baixa, mas os representantes do Estado passando a olhar para o espiritismo, e então ela tem um problema, porque havia uma dificuldade de excomungá-los. Então, só resta à igreja acionar um elemento que ela tinha: o diabo. Quer dizer, se há espiritismo, e o espírito passou a mensagem, ela passou a mensagem por meio do corpo de alguém, e “se algum espírito toma o corpo de alguém, esse espírito não pode ser do bem, só pode ser do mal, porque Deus não toma o corpo de ninguém”. A ideia é que quem toma o corpo é o diabo, tanto que tem o exorcismo. [...] Então, naquela época, a gente tinha dois espiritismos: o espiritismo de mesa e o espiritismo de umbanda, do mesmo modo que a gente fala de igreja católica apostólica romana e igreja católica ortodoxa. Era a mesma religião com dois rituais diferentes. Os mesmos dogmas, livros, princípios. [...] O que aconteceu no meio do caminho? A igreja católica vê a emergência do espiritismo, com todo esse movimento, sobretudo na elite, e começa a demonizar. Até 1924, não se vê a umbanda como problema. [...] Já na década de 1930, a gente começa a ver um recrudescimento da relação da igreja com o espiritismo. E o espiritismo tenta, então, refutar qualquer coisa que seja de alguma forma vinculada ao que acontecia no Rio de Janeiro, que era a macumba. Ou seja, começa a dizer que umbanda é baixo espiritismo, porque recebe aqueles “espíritos de baixo”. [...] Então, o que acaba acontecendo é que estar vinculado ao imaginário africano é a grande questão, porque “se eu consigo grudar a ideia de que aquilo tem vínculo



com o africano, de algum modo, eu me livro”. [...] Não é exatamente a ideia do negro, em si, no sentido do preconceito de cor, mas é o preconceito religioso na medida em que todo praticante daquela religião africana vai estar vinculado ao mal.

**Isabella Pichiguelli:** Passando a outro aspecto: você afirma que compreender que nossa cultura contemporânea está fundamentada na ideia de progresso é importante para se pensar as expressões de intolerância religiosa no país. Por qual motivo? Pensando nisso, gostaria que comentasse possíveis relações com a seguinte afirmação de Paulo Brabo (2019):

“O que incomoda no índio brasileiro [...] é que no simples ato de existir ele propõe um outro modo de vida possível e uma leitura radicalmente diferente do mundo. A vida inteira do índio [...] acaba que te diz: e se neste mundo é de fato possível viver com integridade e com inteireza sem acumular? [...] E se o meu mundo fosse um lugar de abundância a se repartir em vez de um lugar de escassez a se proteger? E se eu virasse índio hoje mesmo [...]? É por isso, fique claro, [...] que homens covardes estão silenciando os índios no Brasil [...]”.

**Maurício Ribeiro:** Eu acho que tem tudo a ver. Eu acho que todo esse texto se resume num poeminha do Oswald de Andrade (1971), chamado Erro de Português: “Quando o português chegou, debaixo de uma bruta chuva, vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol, o índio tinha despido o português”. O que me parece é que a gente tem uma sociedade construída a partir de uma lógica da aristocracia. É uma aristocracia comercial que olhava para Portugal. Então, se a gente pensar nos primeiros momentos, nos anos 1500, com os desbravadores: não era um projeto de país que estava sendo tocado, era um projeto de comércio. [...] E a primeira relação que houve com os índios foi de escambo, mas isso acaba se esgotando, porque o índio não quer acumular. [...] E nisso não vejo muita diferença entre o índio e o africano, porque, no fundo, os dois têm uma relação com o mundo na qual Deus está na terra, não no espaço: Deus está aqui – na encruzilhada, na árvore, no bicho. São deuses do mundo.



**Isabella Pichiguelli:** E me parece que vai contra a ideia do progresso, que vai em direção a algo até um pouco higienista do mundo...

**Maurício Ribeiro:** Exatamente. E tem tudo a ver com aquela ideia aristocrata. Mas por outro lado, por exemplo: eu fiz uma obra no interior do Ceará, e era assim: cinco horas da tarde eles paravam de trabalhar. Isso, pelo Brasil afora, ainda existe. E quem faz isso é visto por alguns como “vagabundo”, mas é o índio, o modo indígena de ver. E é o negro, também, o africano. São povos que lidam com uma matriz de relação com o mundo que é completamente diferente. Então, o que me parece é que há um esforço de subjugar essa gente toda e o seu imaginário, ainda que não seja totalmente possível, porque isso se espalha em nossa cultura popular de diversas maneiras.

**Isabella Pichiguelli:** Pensando agora na relação religião e mídias, gostaria de propor uma reflexão, sobretudo, a partir do conceito de midiaticização da religião, trabalhado por pesquisadores como Jorge Miklos e Luís Mauro de Sá Martino, entre outros, para abordar as articulações e assimilações das práticas do mercado midiático pelas práticas religiosas. Em algumas vertentes da fé evangélica, por exemplo, a midiaticização da religião é evidente, com cultos que se parecem com programas de televisão, sendo que alguns os são, de fato. No caso dessas igrejas evangélicas, alguns fatores que propiciam essa midiaticização são características da própria religiosidade dessas vertentes, dentre as quais podemos citar o proselitismo e o próprio formato do culto, centrado na figura de pastores, que facilmente podem ser identificados com apresentadores de TV. Por outro lado, dado o que conversamos até agora, podemos pensar que embora a Umbanda pareça estar espalhada pela cultura brasileira e suas produções midiáticas, há uma dificuldade de midiaticizar a religião em si. Isso é verdade? Sendo verificável, por que isso acontece? É uma característica da própria Umbanda – que repele a midiaticização – ou parte de fora, em uma rejeição a midiaticizar as práticas religiosas umbandistas?



**Maurício Ribeiro:** Vamos lá: temos aí dois cenários, um interno e outro externo. Internamente, se você observar os praticantes tradicionais, eles refutam completamente a midiaticização. Para isso, a gente precisa entender o que é midiaticização, que é, de alguma forma, lidar com o culto pela mídia. [...] Agora, o desenho do culto (católico ou protestante) é um desenho de mídia de massa, e tomo como referência Harry Pross, que fala que a complexificação do meio está a serviço da economia do sinal emissor. Então, se é possível falar para dez pessoas, ao vivo, com o microfone se fala para mil pessoas. Na rádio e na TV, para milhões. Essa é a lógica da economia do sinal e da mídia de massa. Acontece que o culto da umbanda não é midiaticizável nesse mesmo modelo, porque [...] o culto da umbanda se dá no contato que você tem com o espírito que te orienta. Em tese, com o propósito de fazer você mudar de vida internamente, no sentido de praticar a qualidade e a evolução do seu espírito. [...] Então, resumidamente: como é que você midiaticiza uma conversa que é única? Não tem como. Agora, quando você altera o modelo e trabalha com um processo midiático de rede e não de massa, você já começa a ver a midiaticização da umbanda. [...] Porque em uma situação de rede, tem-se de algum modo o modelo "pessoa a pessoa". Então, há blogs e canais de YouTube, por exemplo, que apresentam uma oferta de conhecimento, mas, na realidade, o que ocorre é o processo de venda de produtos, como livros e cursos. [...] Apesar de não ser de massa, é uma midiaticização muito associada ao consumo, como é a de outras religiões também, mas que ocorre sem a realização do ritual ou o terceirizando (apesar de acontecer, com raridade, e não ser bem visto pela centralidade da religião). [...] O que se perde, nesse processo de rede, é a subjetividade e a pessoalidade que há no culto presencial de umbanda, pois o conhecimento acaba por se reduzir em uma série de informações objetivas – perda que também acontece nas demais religiosidades midiaticizadas, mas de outros modos.



**Isabella Pichiguelli:** Aprofundando essa questão: em que medida esses modelos e (im)possibilidades de mediação da umbanda cooperam ou não para a diminuição dos casos de intolerância religiosa? Como contraponto ao ritual da umbanda (contato com um espírito orientador) não mediável, proponho pensarmos algumas igrejas cristãs que trabalham com exorcismos de demônios – que não deixam de ser considerados também espíritos – nas quais esse ritual é inteiramente mediado. Uma primeira diferença está no papel do espírito no ritual...

**Maurício Ribeiro:** A gente precisa pensar isso do ponto de vista teórico. Vamos pensar a teoria da comunicação para entender o fenômeno. A gente tem uma tradição de pensar a comunicação, que nasce lá com Robert Wiener, que fala sobre emissor-receptor, meio-mensagem, na década de 1940, com a ideia central de que “se entender a mensagem, entende a sociedade”. Esse processo evoluiu, na década de 1960, com a ideia de McLuhan, dialogando com Wiener, de que o meio é a mensagem. E a continuidade dos estudos em Comunicação toma isso como um fato. O meio passa a ser tudo. [...] Quem vai contra essa ideia é Harry Pross, para quem já não importa o meio, mas entender o processo de comunicação como corpos que se comunicam por intermédio de algum meio. Pross tira o foco do meio e o passa para as pontas. A partir dessa alteração, abre-se espaço para pensar o seguinte: a gente se funda em um modelo de “emissor-receptor” e ao olhar para o meio, acaba-se fazendo diferenciações entre fenômenos comunicacionais e meios de comunicação. Assim, se estou no meio primário, conversando, uma pessoa diante da outra, corpo a corpo, tendo a dizer que é uma comunicação direta. Mas a gente esquece que nesse momento eu e você estamos conversando de maneira direta em mídia terciária (caracterizada pelos aparatos eletrônicos), o que é um contrassenso para esse senso comum. E esquecemos que existe comunicação em rede na mídia primária: gosto muito do exemplo da manicure, ou seja, a ideia da fofoca, da disseminação em rede a partir de uma mídia primária. O que significa, portanto, que a diferença do meio é a velocidade pela qual a mensagem se dissemina, e não necessariamente o



tipo de comunicação. Ao olhar para o meio, a gente não olha para o tipo de comunicação. Então, o que o Pross ensina é que tanto faz: estou aqui diante de você, falando com você, não importa se estamos ao vivo presencialmente ou se estamos a quilômetros de distância um do outro. Tomando esse cenário, o que me parece é que precisamos pensar um outro elemento: a ideia de que se tem um emissor e um receptor. Porém, quando há um processo de mediação, o que me parece é que há um rompimento, e que se constitui uma assimetria de propósitos entre o emissor e o receptor. Porque na mídia de massa ou na mídia de rede, não necessariamente há uma preocupação com quem recebe a mensagem, e sim com sua reação. O vínculo não é com a pessoa, e sim com o “joinha”. Mas quem recebe, por sua vez, percebe a mensagem como se fosse diretamente para ela, ou seja, há uma assimetria de relação. Essa é a grande questão da mediação. A imagem que um vê é diferente da imagem que o outro vê. Um vê número, número. Outro vê a mensagem como estivesse falando diretamente a ele. [...] Portanto, não consigo ver, nessas relações, essencialmente, a ideia de uma religião do lado de cá (de quem media, de quem emite). Eu vejo religião do lado de quem recebe. Do lado de quem media, vejo empresários, e não religiosos. [...] Agora, retomando sua pergunta, eu não acho que determinado fenômeno aparecer ou não alimente ou mude o processo de intolerância. O problema não está no tipo de comunicação ou no uso dos meios, mas na reação que se busca. Porque o processo de intolerância se dá na medida em que você tem uma fala que não aceita o outro. Então, me parece que a ideia da demonização enquanto cenário importante é que é o problema. Mas isso está na associação da política hoje também: um processo de demonização de um grupo político para com outro. Quer dizer, não é intolerância religiosa. É intolerância. Como um todo.



**Isabella Pichiguelli:** Já que você mencionou que não se trata apenas de algo relativo às religiões, e estendendo aos diversos processos comunicacionais: que práticas podem ser adotadas para combater a intolerância? Se há muitos obstáculos gerados por desinformação (não um desconhecimento, como vimos), o que é mais importante saber (sobre a Umbanda, por exemplo) para que a tolerância prevaleça? E uma última questão: somente informar resolve todo o problema?

**Maurício Ribeiro:** Respondendo a última: não. Não. E vamos para a anterior para explicar essa resposta. Porque todo esse processo de intolerância está ligado a uma perda da capacidade imaginativa. Tem dois pensadores que gosto muito: Hannah Arendt e Max Horkheimer. Recorrendo ao Horkheimer: na filosofia, que é pensamento, há uma objetivação dos fenômenos. E esse processo objetivado vira, na sociedade contemporânea, tecnologia. A tecnologia funciona desse modo: não sei porquê, mas sei que apertado um botão e uma coisa cai ali. Não demanda mais pensar, nem saber. A palavra ciência, do ponto de vista etimológico, tem a ver com saber. Só que, na sociedade contemporânea, saber não vale nada. O que vale é saber como: *know-how*, saber aplicado. O que Horkheimer aponta é que esse trânsito da razão acaba fazendo com que seus objetos, que são os tecnológicos, se expressem em um rebaixamento cognitivo, um rebaixamento da razão: é uma razão eclipsada – e aqui se inclui a questão que falamos antes, da valorização do meio ser um problema [...]. Deixa-se de pensar no fenômeno porque a técnica é verdadeira. [...] Ocorre que, nesse processo, o princípio ético é refutado, porque pensar não é coerente com o nível da técnica. E neste contexto, a Hannah Arendt fala da banalidade do mal, porque é uma técnica que banaliza o mal. Este princípio tem a ver, no caso do imaginário, com o problema da imagem apontado por Gilbert Durand. Por que a imagem é negativa, nas sociedades tradicionais, ou filosóficas ou religiosas (a exemplo do judaísmo, do islamismo e do protestantismo)? Por que a imagem é ruim? Platão já dizia: a imagem é enganadora. Ela mostra ser o que ela não é. Então, Durand fala que a junção da filosofia com a teologia – que é a base da sociedade



ocidental – vai apontar para a imagem como o lugar do erro, pois não é possível achar verdade na imagem: um olha a imagem de uma forma, outro olha a imagem de outro jeito. Quer dizer: a imagem tem múltiplas interpretações. [...] Mas a imagem se desvalorizou na sociedade, ao passo que os números ganharam valor. Só que o cálculo é absoluto: dois é dois. Perde-se a capacidade de imaginar. Enquanto na imagem há espaço para imaginação, há múltiplas possibilidades. E só imaginando é que se consegue associar Iemanjá a Nossa Senhora, e perceber que a mensagem é a mesma. Esse é o ponto. O problema é que também é possível ler as imagens literalmente, a partir dos seus elementos tomados como absolutos, e então se perde a capacidade de imaginar, da mesma forma. A imagem, aí, se torna objetiva. E a perda da capacidade de imaginar leva à literalidade. Isso é intolerância. Torna-se intolerante, por exemplo, quando, ao invés de olhar para o princípio de Iemanjá, olha-se para a indumentária, as cores, etc. O grande problema da intolerância é a perda da capacidade de imaginar.

**Isabella Pichiguelli:** E como a gente pode começar a imaginar?

**Maurício Ribeiro:** O Dietmar Kamper, pensador das imagens, diz que contra o imaginário midiático, que é esse imaginário objetivo, só a imaginação. O que a gente precisa voltar a realizar é simplesmente valorizar a imaginação. [...] Recentemente, ninguém mais fala de imaginação, fala-se de inovação. O que é inovação? É imaginação controlada. Imaginar é gerar alguma coisa nova. E a coisa nova pode ferrar tudo. O que as grandes empresas estão fazendo? Das pessoas que imaginam coisas diferentes, elas vão lá e compram. Mas a inovação é fazer melhor aquilo que eu já faço. É rebaixamento da imaginação. E ainda, ao perceberem isso, inventaram outro nome: inovação disruptiva. Ou seja, vão construindo narrativas de controle. Mas a única forma de acabar com a intolerância é investir na liberdade de pensamento. É investir na liberdade de imaginação. Investir na educação (e educação não tecnológica). Nos cursos de comunicação, por exemplo, olhar mais para a comunicação e menos para a câmera.



## Referências

Andrade, Oswald de. **Obras completas:** poesias reunidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BRABO, Paulo. O Deus-índio e quem mandou matar. *In: A sereníssima*, S. L., dez., 2019. Disponível em: <https://aserenissima.baciadasalmas.com/o-deus-indio-e-quem-mandou-matar/> Acesso em: 04 fev. 2021.